CISION

negócios

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

#O PODER DE FAZER ACONTECER

DIÁLOGOS ABERTOS

DURÃO BARROSO | POLÍTICO

BILHETE DE IDENTIDADE

 # IDADE: 67
 # CARGO: É presidente da Aliança Global para as Vacinas e, desde fevereiro, é "chairman" da Goldman Sachs International Advisors, após ter saído da presidência do banco de investimento. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros, primeiro-ministro e presidente da Comissão Europeia.

CISION

negocios

Meio: Imprensa **Âmbito:** Economia, Negócios.
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 7840,5cm² **Pág:** 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

"A função política não se deu ao respeito

Com uma longa experiência na política e na diplomacia económica, José Manuel Durão Barroso olha para as fragilidades do país e lembra que o nível médio dos deputados caiu. O ex-governante também viaja ao passado e recorda os erros na famosa Cimeira das Lajes. Uma entrevista que é feita no âmbito do "Poder de Fazer Acontecer", o projeto editorial do Negócios pretende retirar o poder do seu pedestal de inacessibilidade e usá-lo como instrumento transformador da sociedade.

CELSO FILIPE | cfilipe@negocios.pt
DIANA RAMOS | dianaramos@negocios.pt
MIGUEL BALTAZAR | Fotografia

briu-nos a porta e recebeu-nos no seu apartamento em Lisboa. Foi numa das suas divisões favoritas que a entrevista a Durão Barroso se fez, rodeado de livros. São muitas centenas, perfeitamente arrumados por autor e estilo. Desafiado a olhar para as fragilidades da sociedade portuguesa, lamentou a menor qualidade da classe política, reconhecendo que hoje a função é mais difícil. Também não evitou o passado e reconhece que a decisão de apoiar os EUA na invasão do Iraque "foi a mais difícil" que tomou na sua vida política. Com humildade, assume que "não correu bem". Na entrevista no âmbito de "O Poder de Fazer Acontecer", o ex-presidente da Comissão Europeia mostra-se como um homem que já não espera votos e vê no populismo uma forma de "simplificar abusivamente problemas complexos".

Qual foi a decisão mais difícil que tomou?
Em termos políticos.

Sim.
A decisão do apoio aos Estados Unidos no Iraque. Foi a mais difícil, porque como se viu, era uma decisão muito complicada em que qualquer opção era má. Há uma coisa que é preciso dizer, Portugal não invadiu o Iraque, só enviou um pequeno contingente, de 80 militares da GNR, depois de haver uma resolução da ONU. A nossa posição não foi exatamente a posição americana, britânica ou até espanhola.

Na altura a minha posição foi perante uma guerra em que não vamos ser nós a decidir se vai acontecer, em que está o nosso maior aliado, os EUA, e um ditador como Saddam Hussein. Politicamente não podemos ser neutros, mas mostrar que somos um aliado confiável. Essa decisão foi tomada na base de informação que nos foi dada de que havia armas de destruição maciça. E foi-nos dada quer pelos americanos, quer pelos ingleses. Aparentemente, isso não se verificou. Estamos a falar retrospetivamente, porque digo sempre que é muito fácil acertar no totobola à segunda-feira. Nós temos de julgar a decisão política no momento em que é tomada, com a informação que tem o decisor político e, nesse sentido, acho que tomei a decisão indicada para o país. Com aquela informação, hoje em dia, não teria tomada essa decisão. Por isso é que, quando me perguntou, eu disse que foi talvez a decisão mais difícil que tomei, mas que tinha de tomar. E as pessoas esquecem-se que foi numa altura em que havia realinhamentos dentro da NATO e que para nós era importante termos os norte-americanos a apoiar-nos para alguns dos objetivos. Quando o nosso principal aliado, o Reino Unido, e Espanha que é o nosso único vizinho, [apoiam]se nós nos tivéssemos separado disso... Não foi só o Presidente Bush que veio advogar a favor da intervenção. A senhora Nancy Pelosi, que era a chefe da minoria democrática, escreveu-me uma carta a agradecer o apoio de Portugal. Foi quase unânime nos EUA o apoio [à invasão do Iraque]. Agora há pessoas que querem esquecer isso e pôr toda a responsabilidade em George W. Bush, mas foi uma posição praticamente unânime dos que estavam no Congresso. O Presidente Obama estava no Senado, no estado do Illinois, não estava no Congresso. Portanto, se não tivéssemos tomado aquela posição teria sido mau em termos da confiança que teríamos dos nossos principais aliados. A maioria dos países europeus esteve nesta posição, não esteve a França e a Alemanha. Não se fala nisso, mas a República Checa de Vaclac Havel assinou comigo a tal carta a pedir a posição da Europa mais forte no apoio aos EUA.

Ainda sente o peso daquela cimeira das Lajes?
Na altura, acho que foi a decisão que se impunha. Retrospetivamente, temos de ser honestos, as coisas não correram bem, não posso dizer que correram bem. Nunca tive dúvidas que os americanos conseguiriam deitar abaixo o regime de Saddam, mas na segunda parte – o chamado "day after" de como reorganizar e estabilizar o Iraque – não se confirmaram as perspetivas que nos apresentaram. Vamos ser sinceros, também não era Portugal que ia alterar o equilíbrio de poder. Dito isto, na altura pensei, ao menos vamos tentar manter a confiança dos nossos aliados principais. Foi a decisão que foi tomada, teve custos, mas era a decisão que na altura, com muita dificuldade, tive de tomar.

> *A decisão do apoio aos Estados Unidos no Iraque foi a mais difícil, porque como se viu, era uma decisão complicada em que qualquer opção era má. Retrospetivamente, as coisas não correram bem.*

Numa conferência disse que o poder central em Portugal é muito forte. As pessoas, por conformismo, não querem estar contra o poder, mesmo os grupos económicos. Como se altera este estado de coisas?
Mantenho esse diagnóstico, é verdadeiro e objetivo. Há uma grande dependência do poder central. Se pensarmos no número de funcionários públicos, de empresas públicas ou parcialmente detidas pelo Estado e nas pessoas que estão dependentes da Segurança Social, num país relativamente pobre, é imenso o número dos que precisam do Estado. Os grupos económicos principais, devido até ao poder que têm as subvenções europeias, querem estar bem com o Estado seja qual for o Governo. Eu não os critico, eles não têm um objetivo político nem têm de ter, o objetivo é fazerem os seus negócios. Há outros países europeus que têm uma tendência forte estadista, mas onde a sociedade civil é muito mais rica. França é um país com uma tendência centralista forte, mas há muita gente que não

continua na página 6

CISION

negócios

Meio: Imprensa **Âmbito:** Economia, Negócios.
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 7840,5cm² **Pág:** 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

continuação da página 6

precisa do Estado. Em Portugal não é assim. E depois há os países federais, onde o poder está muito repartido.

Há uma cultura de subserviência?

Há. A tal história de "o respeitinho é muito bonito". Critica-se pelas costas. O português não é muito frontal. Faz a vénia pela frente, mas crítica pelas costas. É um dos obstáculos culturais ao desenvolvimento. Pode haver alguma generalização no que estou a dizer, mas no essencial é verdade. Enquanto numa reunião de um conselho de administração de uma cultura anglo-americana as pessoas expõem o seu ponto de vista e isso é bem visto, em Portugal começam a falar quando acaba a reunião porque têm receio de melindrar, de serem mal entendidos. É uma questão cultural profunda. Tem a ver com séculos da nossa maneira de ser, que também tem coisas boas – as pessoas são mais bem-educadas, não são tão agressivas. Eu sou português e tenho muito orgulho em sê-lo, mas gostar do país é saber reconhecer os seus defeitos, nem tudo é bom. Não estou de acordo com aquela tese de que somos os melhores do mundo em tudo. Acho isso absolutamente ridículo, não somos os melhores nem os piores, temos coisas boas e más. Detesto complexos de superioridade e de inferioridade. A verdade é que aqui temos uma cultura diferente. Eu dou aulas em Portugal, na Suíça, em Itália, já dei nos Estados Unidos, e é completamente diferente. O estudante português, tipicamente, só põe as perguntas quando já sabe a resposta, porque não quer ser apanhado em falso. Há uma timidez que é muito portuguesa. O estudante americano está sempre a pôr questões, umas porque quer saber a resposta, outras para desafiar o professor, é uma cultura muitíssimo diferente.

> *Se compararmos o nível dos deputados à Assembleia Constituinte com os atuais, tenho pena de o dizer – a vantagem de já não se estar na política é que se pode ser mais sincero – mas hoje o nível médio é muito mais baixo. Há um problema no recrutamento do pessoal político.*

Fica-se com a ideia de que existe muita endogamia na sociedade portuguesa...

Porque é um país pequeno.

Mas isso é um obstáculo.

É, claro que é. Isso e a questão social. Para as pessoas que têm uma posição económica boa a vida em Portugal é fácil. Uma classe média alta em Portugal vive tão bem ou melhor que a maior parte das classes médias altas que conheço, porque se não funciona o SNS faz-se uma chamada a alguém da família que conhece o melhor médico. É assim. Para quem tem dificuldades sociais não. E isto, além de ser uma injustiça, é um problema grave. Quando as pessoas que têm influência na sociedade não precisam de serviços públicos não se investe.

Nota que há uma crise na participação política que paralisa a sociedade ou impede que ela não se desenvolva?

A política não está muito prestigiada. Não é só em Portugal, também acontece lá fora. Não quero fazer um discurso de saudosismo de no meu tempo é que era bom. Há sempre um efeito de ilusão de ótica em que tendemos a idealizar o passado. Fazendo um esforço de rigor, veio o 25 de Abril e foi tal o entusiasmo pela política que o impulso dos mais qualificadas foi irem para a política. Se compararmos o nível dos deputados à Assembleia Constituinte com os deputados atuais, tenho pena de o dizer – a vantagem de já não se estar na política é que se pode ser mais sincero – mas hoje o nível médio é muito mais baixo. Há um problema no recrutamento do pessoal político.

E a que se deve esta falta de interesse das pessoas mais bem preparadas?

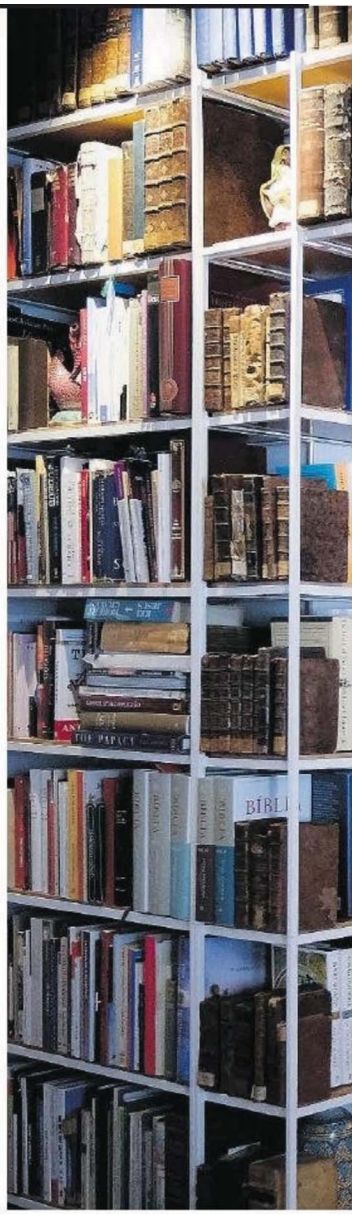
Foi a própria função política que não se deu ao respeito. Para ser justo, e eu quero ser justo para com os políticos, hoje é mais difícil ser-se político. Tive a honra de ser ministro dos Negócios Estrangeiros muito jovem e na altura os MNE participavam nos conselhos europeus. Estive no Conselho Europeu com [Jacques] Delors, Helmut Kohl, François Mitterrand. Hoje tendemos a vê-los como grandes figuras. Na altura, o tempo era diferente, era mais fácil. Hoje em dia, o ciclo de notícias é sete dias por semana, 24 horas por dia. E há uma sobrecarga da decisão política, até porque as questões estão muito mais ligadas. A dimensão nacional não é indiferente à europeia e à global. A guerra na Ucrânia tem impacto na crise energética, na inflação... Hoje é mais difícil ser político e eu quero ser justo com os atuais políticos. E quero mostrar, aliás, a minha admiração por aqueles que se predispõem à função política, mas a verdade é que a qualidade cultural, técnica de preparação média, em Portugal e noutros países, é mais baixa do que era há 30 ou 40 anos.

De que forma as maiorias absolutas ajudam a credibilizar ou descredibilizar a função política?

O primeiro governo de Cavaco Silva era minoritário e fui dos que mais advoguei a favor da maioria absoluta. Portugal tinha governos com ciclos muito rápidos, instáveis. Achei e continuo a achar que a maioria absoluta tem a vantagem da estabilidade num país que tinha uma instabilidade crónica de governos que duravam meses. Não vou mudar de opinião, a maioria absoluta, em si, não é má. Um governo deve ter o apoio da maioria do parlamento. Se é de uma só força, de duas ou três é outra questão. Na maior parte dos países europeus há governos de coligação e Portugal é uma exceção. Dito isto, [as maiorias absolutas] dependem do seu exercício e da capacidade da sociedade civil, da sua afirmação, de não ficarem todos obrigados a dizer "sim, senhor ministro".

Como posiciona o poder económico no país?

Não acredito nas teorias da conspiração. Muita gente pensa que a política não conta nada, que o que conta são os poderes económicos por detrás, e não é assim. A decisão política continua a ser mais importante. A Rússia foi uma decisão política, não me venham dizer que foi económica. Foi uma decisão geopolítica que teve e está a a ter cus-



CISION

negócios

Meio: Imprensa **Âmbito:** Economia, Negócios.
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 7840,5cm² **Pág:** 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

tos absolutamente catastróficos. A política continua a ser essencial e eu conheço grupos económicos que têm um enorme receio da opinião pública. Estão mais na defensiva do que os políticos, porque uma questão reputacional que afete um grande grupo pode destruir a marca de um dia para o outro. Tão simples quanto isso. O importante, do ponto de vista democrático, é que haja pluralismo.

Falámos de uma certa degenerescência da política. De que forma é que ela contribui para o populismo?

O populismo é uma tendência para simplificar abusivamente problemas complexos e fazer apelos emocionais a instintos negativos. Por exemplo, o exacerbar do nacionalismo. Nacionalismo é diferente de patriotismo. Como dizia Romain Gary, o patriotismo é gostarmos do que é nosso – sou patriota e não me consigo conceber se não como português, mas não sou nacionalista. E repugnam-me todas as formas de nacionalismo. O nacionalismo é a guerra. O populismo explora os sentimentos negativos e faz as identidades negativas. Uma coisa é respeitarmos as identidades, que são fonte de riqueza, outra é tentarmos sugerir que a nossa vale mais que a dos outros. O populismo é mau porque manipula sentimentos que podem ter uma origem positiva, como o amor à pátria, para fins de ultrassimplificação.

O que provocou o populismo na Europa?

Duas coisas, uma de natureza económica e social, outra de natureza social ou cultural. A primeira tem a ver com as pessoas que ficaram mais pobres ou sentiram que ficarem mais pobres. Chama-se a isso o sentimento de privação relativa. Os partidos de esquerda não souberam incorporar o problema, o que levou os votos de esquerda a irem para a extrema-direita pela frustração económica. Outra questão, que no nosso país não é tão forte mas que noutros países é a grande razão por detrás do populismo, é a anti-imigração. Aí foram os partidos do centro-direita que não souberam dar resposta. Ao sugerirem que as portas poderiam estar escancaradas e que não devia haver controlo das fronteiras, levaram as pessoas que têm medo do desemprego a posições fortes anti-imigrantes. Estão a traduzir com respostas primárias preocupações legítimas das pessoas.

Há o risco de os extremos crescerem?

Sim. A UE tem sido, apesar de tudo, um seguro de vida contra o populismo. Veja-se o caso de Itália. Muita gente apresentou a vitória de Meloni como o regresso do fascismo, o que é uma coisa disparatada. São partidos à direita, mas daí a chamar-lhes fascistas ou neofascistas é um abuso de linguagem. E a verdade é que, desde que chega ao poder, o Governo italiano é "mainstream". Isso tem a ver com a UE que obriga as posições mais extremas a limarem as arestas e a integrarem-se num sistema que não é perfeito, mas civilizado. ■

CISION

negócios

Meio: Imprensa **Âmbito:** Economia, Negócios.
País: Portugal **Period.:** Diária
Área: 7840,5cm² **Pág:** 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

DIÁLOGOS ABERTOS

#O PODER DE FAZER ACONTECER

DURÃO **BARROSO** POLÍTICO

"O poder nunca me seduziu como forma de mandar

Durão Barroso diz que uma fotografia do velório do ditador Oliveira Salazar e a legenda que a acompanhava, publicada em agosto de 1970 pela revista Paris Match, o deixou "magoadíssimo" e desencadeou a sua ida para a política. A propósito da invasão russa da Ucrânia, afirma que Vladimir Putin é um "produto do ressentimento".

CELSO FILIPE | cfilipe@negocios.pt **DIANA RAMOS** | dianaramos@negocios.pt **MIGUEL BALTAZAR** | Fotografia

Durão Barroso espera que na "nova desordem mundial" que se está a formar não se dê um corte completo no comércio com a China. O ex-presidente da Comissão Europeia [2004-2014] diz que não vê uma solução "num futuro previsível" e adianta que o cenário de uma eventual eleição de Trump como presidente dos EUA é o que mais preocupa a Ucrânia. O antigo primeiro-ministro revela que desde criança que manifesta uma "paixão pela comparação dos países, culturas e línguas", a qual se revelou nuns Jogos Florais promovidos pelo Ginásio Clube do Sul em que participou quando tinha 13 anos.

Ocupou vários lugares de poder. Ministro dos Negócios Estrangeiros, primeiro-ministro, presidente da Comissão Europeia. Esses lugares mudaram a sua ação ou foi forçado a mudar por força dos lugares?

Não gosto de falar em lugares, mas de funções ou cargos porque a palavra lugar tem, pelo menos implicitamente, a ideia de a pessoa estar estacionada. Vejo a política como uma vocação e o exercício dos cargos, não com uma profissão, mas como uma função que em certo momento se exerce. A verdade é que há coisas comuns ao exercício do poder, dependendo dos cargos que se ocupa, mas há características muito diferente no exercício do poder. Por exemplo, entre primeiro-ministro e presidente da Comissão Europeia, o exercício é muito diferente. O primeiro-ministro está mais perto da política como ação, porque está a governar um país. Normalmente são funções muito divisivas, porque há aqueles que o apoiam e os que estão na oposição. E está-se muito exposto, então em Portugal a pessoa vai a qualquer cerimónia pública e a comunicação social ataca logo e a pessoa tem de responder no momento. Isso noutros países não é assim, há protocolos muito mais rigorosos no acesso à figura pública. Na Comissão Europeia, embora também exista debate político e tenha tido o apoio de uma família política, não estava ali a representar um partido ou uma parte do espetro político, mas sim a tentar defender o interesse europeu. Por definição, mais vasto do que o interesse partidário ou até nacional.

Mais um arquiteto de compromissos.

Exatamente, um arquiteto de compromissos. Em termos da exposição pública também é diferente. Há luta política em torno da Comissão, mas a exposição é muito menor do que a de um primeiro-ministro que tem de estar exposto e a enfrentar a crítica diariamente. Diria que, intelectualmente e culturalmente, é mais exigente a Comissão Europeia, porque nos obriga a conhecer o que se passa em 28 países [agora são 27 por força da saída do Reino Unido da UE] e dominar muitos mais dossiês com um impacto muito mais amplo que o nacional, mas do ponto de vista político, no sentido puro, de luta e conflito, é mais exigente o cargo de primeiro-ministro.

Essa visão abrangente faz com que tenha a perceção de que o poder em Portugal é visto de forma diferente?

Há diferenças culturais entre os países. Correndo o risco de alguma simplificação, a cultura política da Alemanha é muito mais hierárquica e de poder do que dos países latinos. Posso contar uma história interessante. No meio da crise financeira, numa das muitas reuniões que tive com Sarkozy e Merkel para tentar aproximar posições e haver apoio aos países da periferia, estava a tentar convence-los a pôr mais dinheiro nos instrumentos de ajuda com o argumento de que quanto maior fosse o compromisso financeiro melhor conseguiríamos desencorajar comportamentos do mercado que estavam a apostar contra a dívida da Irlanda, Grécia e Portugal. E numa dessas reuniões pedi aos dois um esforço. Sarkozy disse logo que sim, mas Merkel não. E Merkel pergunta a Sarkozy: mas tu podes comprometer-te a isso sem consultares o teu parlamento. E Sarkozy disse-lhe que o parlamento não tinha importância. E ela: bem, tens muita sorte, tens um parlamento muito fácil. E ele respondeu: sim, em França temos um parlamento fácil mas um povo muito difícil. Tu tens um parlamento difícil mas um povo muito fácil. É uma "boutade", mas acho muito interessante porque é verdade. Os alemães discutem tudo muito mais, têm um parlamento muito mais exigente

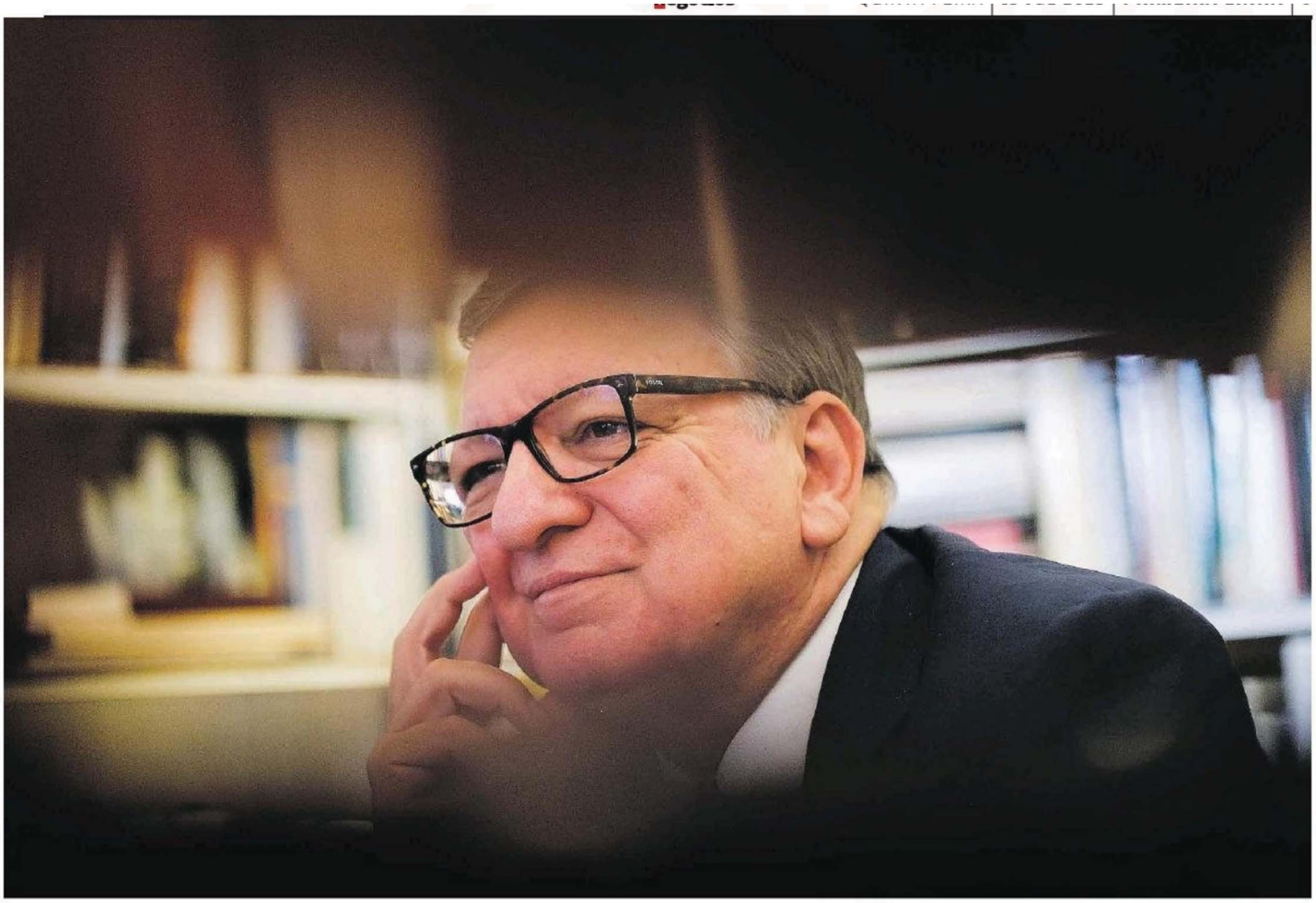
> *Sarkozy disse a Merkel: temos um parlamento fácil mas um povo muito difícil. Tu tens um parlamento difícil mas um povo fácil. É uma 'boutade', mas é verdade.*

CISION

negócios

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023



em relação ao Governo, mas a sua tendência é para se unirem em torno do líder. Em França, desde que o presidente tenha a maioria no parlamento, este não tem grande autonomia, mas o povo, como se viu com a discussão em torno da idade da reforma, é muito mais exigente e difícil e existe um nível mais elevado de conflitualidade social e política. Portugal tem uma cultura política de menor respeito pela autoridade, ou tem um respeito formal. Há aquela frase muito portuguesa "o respeitinho é muito bonito", mas ao fim e ao cabo há aqui uma ironia. Depois não se tem o mesmo nível de disciplina e respeito pela hierarquia que há em sociedades como a alemã. Mas nos países da Europa do sul também há diferenças notórias, por exemplo, entre Portugal e Itália. Gosto muito de citar a frase de Umberto Eco, "a língua da Europa é tradução". Não me estou só a referir ao aspeto linguístico, estou a referir-me à indispensabilidade, quando falamos na Europa, de traduzir a cultura de cada país, em sentido amplo. Que era o que fazia na Comissão e nos Conselhos Europeus, porque estamos a dizer uma frase e implicitamente estamos a pensar como é que isso soa politicamente em inglês, em francês, em alemão ou em espanhol.

Tinha esse cuidado.

Sim. Ainda por cima gosto muito de línguas.

Foi um cuidado inicial ou aprimorou-o?

Desde o início. Tenho uma paixão grande por essa questão. O meu primeiro texto publicado foi aos 13 anos no Ginásio Clube do Sul, ali em Almada. Concorri a uns Jogos Florais e o meu ensaio era "A escola como meio de promoção social". E defendia lá que não havia nada melhor do que conhecermos outros mundos, países e línguas. Desde criança que tenho a paixão pela comparação dos países, culturas e línguas.

Quando lhe dizem que é uma pessoa poderosa como reage?

Sinceramente, nessas questões sou muito filosófico, entre aspas. Compreendo perfeitamente os limites do poder e sou até muito atento, filosófica e psicologicamente, a que tudo isto é passageiro. Um dos meus textos preferidos é o "Eclesiastes". Tudo passa, não dou muita importância a isso. Acho que um problema é quando os políticos dão demasiada importância a si mesmos. O poder, tal como o vejo, não é nem deve ser uma finalidade. É instrumental. O poder nunca me seduziu como forma de mandar. Há pessoas que têm a volúpia do poder. Vi muitos políticos assim, adoram mandar, eu não. Sei que sou visto como um homem de poder e talvez bastante ambicioso, e não nego que tive as minhas ambições, mas mais por curiosidade intelectual. Pode parecer bizarro, mas é verdade.

> *"Antes do 25 de Abril de 1974 não podíamos ler os livros que queríamos, havia censura, por isso é que fui muito radicalizado para a esquerda.*

Como assim?

Nasci em 1956 e tinha acabado de fazer 18 anos quando veio o 25 de Abril de 1974. Eu sou essa geração. Antes do 25 de Abril não podíamos ler os livros que queríamos, havia censura, por isso é que fui muito radicalizado para a esquerda. E andei em tudo o que fosse na margem sul, nas bibliotecas, onde podíamos ler livros que estavam proibidos, marxistas, para conhecer o que se passava. Aliás, neste musical que tem tido tanto sucesso "Hamilton" [sobre a vida do pai-fundador americano, Alexander Hamilton] há uma frase muito interessante: os políticos querem estar no "in the room where it happens", ou seja, na sala onde se decide. Foi um bocado por isso. Eu queria estar lá onde se decidia, não tanto pelo prazer de mandar, que acho

continua na página 10

CISION

negocios

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

continuação da página 9

DURÃO **BARROSO** POLÍTICO

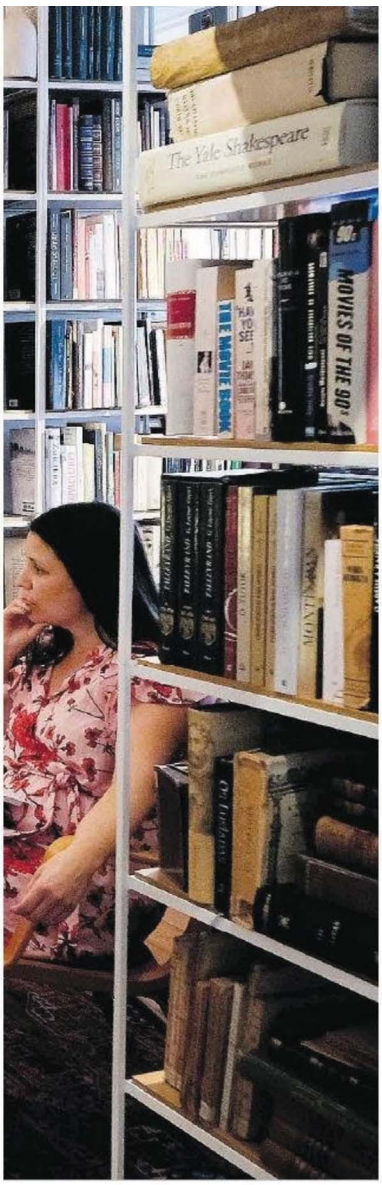
que em alguns políticos é patológico. Quando tenho de tomar uma decisão faço-o. Uma vez um político, não vou dizer quem porque é bastante conhecido em Portugal, disse-me: O Durão Barroso, sabe o que gosto mesmo? É de decidir. Eu compreendo. É a volúpia. Acho que é S. Tomás de Aquino que se refere à concupiscência, o prazer de... A mim, confesso, há outras coisas na vida que me dão muito mais prazer.

Quando é que percebeu a mudança entre aquilo que era algo que o completava e o que era um instrumento de poder?

Não sei. A minha mãe dizia que eu desde miúdo fazia desenhos do que devia ser um governo ideal. Não estou à procura de votos, estou a falar com total sinceridade. Era muito por uma questão patriótica. Eu era um miúdo que tinha muita curiosidade e comecei por pôr perguntas em casa. A minha família era mais conservadora do que revolucionária. Não apoiavam ativamente o regime, mas também não estavam para ir contra. Aliás, era essa a situação da esmagadora maioria dos portugueses. Em minha casa assinava-se o Paris Match e um dia [8 de agosto de 1970], quando foi a morte de Salazar, a revista publicou uma fotografia macabra onde lhe estavam a prestar homenagem o que se dizia ser o maior homem do mundo, um gigante moçambicano [Gabriel Manjacaze], e o homem mais pequeno do mundo [Lúcio Pedro], um anão angolano. Depois havia comentários muito negativos sobre Portugal. Fiquei magoadíssimo com aquilo e comecei a colocar perguntas aos meus pais: é assim que somos vistos lá fora? Porque na escola tínhamos a ideia de que Portugal não era um país pequeno, punha-se o mapa de Portugal e das províncias ultramarinas maior do que a Europa. E Portugal não estava a ser visto como eu gostava que fosse. O que me levou para a política foi esta fotografia da Paris Match. Senti-me absolutamente humilhado.

Durão Barroso mostrou, durante a entrevista, a fotografia de Michel Le Tac sobre o velório de António Salazar que o fez sentir-se humilhado e o conduziu até à política.

CISION
negócios
Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1
ID: 106180920
13-07-2023



Sentiu que era a revista que estava errada?

Não. É que depois este número da revista não circulou em Portugal, foi censurado. Como nós assinávamos recebemos em casa. Esta fotografia foi o que desencadeou a minha ida para a política.

Numa conferência no Funchal alertou para a arrogância dos governos e pediu humildade. A arrogância está a sobrepor-se ao bom senso?

A arrogância, digo sempre isso, é uma forma de estupidez. Não só na política. Na política há muita arrogância, mas também se desvalorizou demasiado a função política. Há a tal falta de respeito. Antigamente havia uma maior deferência.

Há uma desqualificação?

Sim. Desqualificação talvez seja a melhor palavra. E, ao mesmo tempo, coincide com a arrogância de alguns políticos. A arrogância é má nas relações entre pessoas e entre países. Por exemplo, Barack Obama, que é um homem muito inteligente, cometeu um grande erro quando disse que a Rússia era apenas uma potência regional. Qual é a necessidade de apequenar a Rússia? Não estou a justificar as coisas que ele tem feito, mas a verdade é Putin é um produto do ressentimento. E também não ajuda quando as pessoas humilham um líder ou um país.

Isso tem estado a acontecer na forma como os países têm agido em relação à guerra na Ucrânia? Em vez de estabelecerem pontes têm hostilizado a Rússia?

No caso da Ucrânia as coisas são claras, existe um agressor e um agredido. Há uma ação criminosa da Rússia, o maior país do mundo em termos geográficos, que está a invadir um país soberano com o objetivo de, pelo menos, ficar com parte do seu território. Há agressão e arrogância de Putin. Um dos problemas dos líderes autoritários é que, por vezes, acreditam na sua própria propaganda. E a propaganda na Rússia é de que o Ocidente está decadente, não tem valores morais, princípios, nem força. O Putin que conheço, e estive muitas vezes com ele, não estava à espera de uma reação tão grande nem dos ucranianos, nem dos europeus, nem dos americanos. Se neste caso houve erro de arrogância foi da Rússia.

> *Putin é um produto do ressentimento. E também não ajuda quando as pessoas humilham um líder ou um país.*

Mas como se chega a um ponto de equilíbrio?

Continuo a não ver uma solução num futuro previsível. Disse isso logo quando foi a invasão, que não ia haver paz no curto prazo, e continuo a pensar o mesmo. As guerras terminam de uma de duas maneiras, ou pela destruição de uma das partes que se rende – foi o que aconteceu com a Alemanha nazi e o Japão –, ou então por um compromisso. Em relação à primeira solução, não acredito que a Rússia consiga fazer com que a Ucrânia se renda, ou que aconteça o inverso. A guerra, neste momento, tornou-se existencial. Mesmo na Rússia, onde a invasão foi anunciada como uma operação militar especial, agora já não o é. É um ataque que o Ocidente está a fazer pondo em causa a própria existência da mãe Rússia. A dimensão mudou completamente. Tornou-se existencial. Em primeiro lugar para a Ucrânia, que tem a sua existência como país independente posta em questão. Mas também é existencial para a Rússia e para Putin, porque se trata de uma questão de existência política, se não mesmo física, sobreviver a uma derrota. Depois, os objetivos que têm são muito afastados. O objetivo inicial de Putin era controlar totalmente a Ucrânia. Não vai conseguir. Mas o objetivo ucraniano é recuperar completamente todo o território, incluindo a Crimeia, o que parece irrealista. Num futuro previsível, não haverá paz. O melhor que poderá haver será uma situação de não-paz não-guerra, um impasse. Não será uma reconciliação nem uma paz duradoura. Temos de estar preparados para o longo prazo nesta guerra.

Que nova ordem mundial sairá deste conflito?

O mundo não é o mesmo desde 24 de fevereiro de 2022 e não vamos voltar ao status quo anterior. Além do que se está a passar na Ucrânia, Rússia e Europa há ramificações desta guerra que em alguns casos aceleram, aprofundam e ampliam tendências que já vinham antes da pandemia e, antes disso, da rivalidade crescente entre Estados Unidos e a China, que a meu ver é o dado mais relevante da situação geopolítica atual. A possibilidade de um "decoupling", de uma separação completa entre os EUA e seus aliados de um lado, e China e seus aliados do outro. E a Rússia está cada vez mais dependente da China e a Europa mais próxima dos Estados Unidos. Seria impensável, no início do ano passado, que a Finlândia se juntasse à NATO. Agora temos a Finlândia e, espero eu, proximamente, a Suécia. A nova desordem mundial que está em formação é condicionada por estes fatores. Talvez não se chegue ao tal "decoupling", mas ao que em inglês se chama "de-risking", que é reduzir a dependência e exposição em relação à China. Do mesmo modo que a Europa, quando foi a pandemia, descobriu que não tinha as cadeias de abastecimento que lhe permitiam ter vacinas, medicamentos e material de proteção, ou da mesma forma que com a invasão da Ucrânia a Europa se deu conta de que estava com excessiva dependência energética em relação à Rússia, o objetivo agora é reduzir a exposição em termos económicos, comerciais e de investimento em relação à China. A tendência está aí e é nesse âmbito que foi aprovada, pela Comissão Europeia, a estratégia de segurança económica.

Os alemães vão ceder nesta matéria? A sua relação económica com a China é muito forte?

Sim, mas a maior relação é com os Estados Unidos. O que já está a acontecer são algumas medidas para limitar a exposição à China, por exemplo, já estão em curso medidas que fazem um a análise dos investimentos chineses na Europa, e, neste caso concreto, na Alemanha. Já está a haver um cuidado especial na não-transferência de tecnologias mais sensíveis. Agora, se isto vai dar um corte completo do comércio, eu espero e desejo que não. Seria mau para todos, mas também para nós, Europa. Precisamos de mercados abertos, ainda mais do que os Estados Unidos. O equilíbrio que se está a formar vai ser neste sentido.

Vamos admitir que as presidenciais dos EUA são ganhas por Donald Trump. Irá ensaiar uma aproximação a Putin?

Esse é o cenário que mais amedronta os ucranianos. Tenho estado em contacto com alguns líderes ucranianos que o têm dito, desde logo o ministro dos Negócios Estrangeiros [Dmytro Kuleba]. Talvez não o digam publicamente, mas é o que os preocupa. Dito isto, quando falo neste assunto com os EUA, e falo com pessoas dos partidos Democrata e Republicano, eles admitem que há esse risco mas também dizem, incluindo os Democratas, que mesmo que isso aconteça, talvez seja possível evitar uma rutura no apoio à Ucrânia. Até agora, se olharmos para o congresso norte-americano, uma posição dura em relação à Rússia e à China tem sido das poucas coisas que tem merecido acordo bipartidário. Digamos que o "establishment" político, económico e militar norte-americano é muito a favor de continuar o apoio à Ucrânia independentemente do presidente.

Como é que vê, neste jogo, a aproximação dos EUA à Índia?

A Índia aparece como um dos grandes beneficiários desta situação. Como há um crescimento potencial maior na Ásia do que na Europa, onde as economias já são mais maduras, grande parte dos investimentos ocidentais que se dirigiam para a China estão a fazer o seu "de-risking". Vai continuar a haver algum investimento na China mas com muito maior precaução. A Índia é um dos destinos alternativos, embora também tenha os seus problemas. Mas a Índia, ao contrário do que pensam alguns ocidentais, não vai ser um aliado total. O que a Índia vai fazer, quando achar que isso lhe convém, é ser um contrapoder em relação à China, até porque têm historicamente muitos problemas fronteiriços não resolvidos com os chineses. Mas a Índia, como se viu

continua na página 12

CISION

negocios

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023

continuação da página 11

em relação à Rússia, manteve uma posição de alguma ambiguidade.

Falámos da Europa, Estados Unidos, Ucrânia, Rússia, China e Índia, mas não falámos do Reino Unido. Não estando na UE, parece ter perdido relevância.

Neste particular tenho de fazer uma declaração de interesse. Continuo europeísta convicto, embora seja muito amigo dos ingleses, e o Brexit não foi um grande êxito. Hoje em dia a maioria dos ingleses já pensa assim. Segundo a última sondagem do YouGov, só 8% dos britânicos acham que o Brexit correu bem. A economia inglesa é a que mais problemas têm no G7, a inflação é mais elevada, a imigração aumentou exponencialmente e, sobretudo, até agora, não conseguiram fazer "free trade agreements". Dito isto, continua a ser uma das maiores economias e é um país com grandes recursos. Para já, "soft power". A língua inglesa é a mais usada para a comunicação internacional, os media ingleses são dos que mais influência têm, da BBC ao Financial Times passando pela The Economist, são os que mais formam a opinião das elites globais, mais do que os americanos, e têm uma diplomacia muito competente e um poder militar considerável em termos europeus. Aliás, o Reino Unido, em termos militares, é o país que está a dar mais ajuda à Ucrânia a seguir aos EUA. Continua a ser um país muito relevante, mas tem mais dificuldades na afirmação da sua própria posição. Na realidade há três grandes polos mundiais, Estados Unidos, China e União Europeia. Os outros países, com o devido respeito, o Japão, a Índia, o Reino Unido, o Brasil.

E a Rússia?

É um poder declinante e já o era muito antes da guerra. Se compararmos a Rússia com a China, hoje a China vale 10 vezes mais que a economia russa. É um caso de Estado falhado do ponto de vista económico. É o maior país do mundo, o maior exportador de combustíveis fósseis, mas é uma economia sensivelmente do tamanho da espanhola.

No meio destes polos, onde fica entalada a Europa e o que acontece à construção europeia?

A Europa, apesar das suas dificuldades, tem demonstrado grande capacidade, sobretudo capacidade de integração. Ponho sempre as coisas em perspetiva, porque nós europeus temos às vezes a tendência de pensar que a Europa faz tudo mal. Não é verdade. Peguemos em três momentos: crise financeira e da dívida soberana, que eu aliás conheço bem porque estava na Comissão; depois, a crise da pandemia; e, agora, a invasão da Ucrânia pela Rússia. Foi a crise da dívida soberana que permitiu criar um sistema de supervisão europeia bancária, com poderes mais fortes para o sistema de supervisão, nomeadamente para o BCE. Criou o Mecanismo Europeu de Estabilidade. O que se está a passar nos Estados Unidos, em termos bancários, não se tem passado na União Europeia por causa disso. Conseguimos ter uma regulação e uma supervisão mais intensas que a americana.

Segundo lugar, a resposta à pandemia. Aquilo a que tínhamos feito apelo – que era a criação de "eurobonds", isto é, formas de mutualização da dívida e que foram rejeitadas – agora, com a pandemia houve o primeiro caso de mutualização da dívida com a Comissão Europeia a levantar 800 mil milhões nos mercados em nome dos 27 Estados. Há uns tempos, nos últimos dias da senhora Merkel, num jantar na chancelaria que ela me ofereceu a sós, disse: "olha, fiz agora aquilo que tu tinhas pedido na altura". Eu respondi: "olha, muito obrigada mas tinha sido melhor que tivesses feito na altura", mas enfim, mais vale tarde do que nunca. E o facto de a Comissão ter comprado vacinas em nome dos 27 países. Terceiro ponto, a guerra. A União Europeia está finalmente, como tenho dito, a sair da sua adolescência geopolítica. Até agora era uma espécie de "teenager" muito forte nas questões económicas, sobretudo comerciais, onde continua a ser um grande poder, mas muito vocacionada para as questões regulatórias. Às vezes liderando, como vimos nas questões do câmbio climático ou da proteção de dados, onde fomos inovadores. Mas, quando chegava às questões de defesa, [era] muito ingénua.

Mas ainda falta um braço na reforma da supervisão bancária.

Falta um terceiro [pilar] que é essencial que é a chamada garantia comum de depósitos que a Alemanha e outros recusaram e continuam a recusar. Isso, de facto, limita. E também falta ainda a união do mercado de capitais, que é outra vulnerabilidade grande da Europa. Recordo-me de uma frase premonitória de um dos pais fundadores da União Europeia, que foi Jean Monet, que disse que a Comunidade será feita através de crises e como respostas sucessivas a crises sucessivas. A UE é mais reativa do que ativa, às vezes tem de existir uma crise para a Europa se decidir a fazer uma coisa que anteriormente não queria. Nesse sentido a integração tem avançado, mas a Europa tem grandes vulnerabilidades e uma delas é a sua demografia. Estamos a envelhecer mais do que os outros, e isso é muito mau, não apenas do ponto de vista da sustentabilidade financeira, mas sobretudo por causa do dinamismo que se perde. Temos outro problema que é o estarmos atrás em matéria de inovação. Por exemplo, em termos de inteligência artificial, americanos e chineses estão muito à nossa frente e isso é gravíssimo.

Vê um cenário de desdolarização da economia?

Para já, não. Que há essa vontade, sobretudo da parte da Rússia e da China, há. É evidente.

Qual é a posição que a UE deve ter?

Por enquanto, até para a estabilidade do sistema financeiro global, interessa que não seja posta em causa a posição do dólar. Mas o que temos de fazer não é tanto pôr em causa os outros, mas defender a nossa moeda, fazer o trabalho de casa e trabalhar pela consolidação do euro. Isso é muito importante e há coisas que falta fazer.

Falámos da necessidade de termos sociedades civis fortes. Instituições como a Gavi – Aliança Mundial para Vacinas e Imunização ajudam a reforçar esse peso e a trazer ao debate os temas da desigualdade e do desenvolvimento, que nem sempre estão na ordem do dia?

A ideia chave da Gavi é ajudar os países menos desenvolvidos nos seus programas de vacinação, pois esta é a forma mais eficiente de promover a saúde pública e salvar vidas. Sem a Gavi muitos milhões de crianças teriam morrido por não terem acesso a vacinas contra doenças mortíferas que, graças às vacinas, são perfeitamente evitáveis.

A Gavi pode assumir-se como um instrumento inovador para as políticas globais?

Sim, há muito interesse no estudo do modelo original da Gavi pois consiste numa parceria global não só entre países doadores e países em vias de desenvolvimento mas também na aliança entre organizações internacionais como a OMS, a UNICEF e o Banco Mundial com a Fundação Bill Gates e empresas farmacêuticas do chamado Norte e do Sul global, assim como de ONG's e institutos de investigação. Além do mais, foi possível desenvolver mecanismos de financiamento muito inovadores. Quer os países doadores quer os países beneficiários consideram que a Gavi oferece a vantagem de flexibilidade combinando o interesse público com instrumentos do setor privado E respeita os princípios do multilateralismo, que tem sido posto em causa pelas atuais tensões geopolíticas. ■

CISION

negócios

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 7840,5cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Diária
Pág: 4-12,1

ID: 106180920 13-07-2023